

Nós traumáticos, jogo e simbolização (*)

RAQUEL FERREIRA (**)

A psicanálise encontra-se, desde o seu nascimento, profundamente ligada à questão traumática.

Etimologicamente trauma deriva de: *trau/trou* – ferimento e *ma/mata* – condição mórbida produzida por uma lesão ou ferimento físico. A noção de trauma começou, pois, por estar ligada *stricto sensu* à medicina física. Hoje ela tomou uma amplitude imensa, contendo a dimensão psicológica, e ultrapassando as fronteiras do indivíduo, estendeu-se à família, ao grupo e até a populações. Quanto tomo a noção de nós, estou a referir-me a nós difíceis ou impossíveis de desfazer, como o chamado «nó górdio».

Conta o mito que Górdio, rei frígio, terá atado o timão dum carro ao jugo, fazendo um nó tão fechado que ninguém conseguia desfazê-lo. Aconteceu que um velho oráculo prometeu o Império da Ásia a quem conseguisse desatá-lo. Alexandre o Grande, tendo tomado conhecimento da notícia, resolveu tentar a sua sorte. Para isso, iludiu o oráculo, cortando o nó com a espada.

Em toda a obra de Freud, desde os primeiros trabalhos sobre a Histeria (1895) até «Análise terminável e Análise interminável» (1939) en-

contramos um eixo de questionamento, no que respeita à causalidade traumática, na génese da perturbação psíquica.

Cedo na sua obra, Freud deslocou o seu eixo de investigação do conhecimento circunstanciado da realidade externa (abandonando a teoria da sedução traumática) para o campo da realidade interna, onde se gera o fantasma.

Em «Inibição. Sintoma e Angústia» (1926) afirma: «O Eu que vivenciou passivamente o trauma, repete agora de maneira activa uma reprodução *morigerada* deste, com a esperança de poder guiar de maneira autónoma o seu decurso. Sabemos que a criança (tal como o adulto) adopta igual comportamento face a toda a vivência que lhe é penosa, reproduzindo-a no jogo e na transferência; procura, com esta modalidade, dominar psiquicamente as suas impressões vitais, transitando da passividade para a actividade.»

O traumatismo cria um facto novo que modifica a ordem simbólica preexistente. A realidade psíquica preexistente torna-se estranha e enigmática face à violência do impacto traumático, pela desorganização da ordem simbólica. Depois do acontecimento traumático, o sujeito vai procurar simbolizar o real traumático.

É a falha deste trabalho de elaboração e de reconstrução que leva à formação de *nós traumáticos* (núcleos de enquistamento), que funcionam como corpos estranhos cercados por uma rede defensiva; nós traumáticos que, paradoxalmente, contêm em si próprio o lugar duma verdade

(*) Comunicação apresentada no X Colóquio de Psicanálise da Sociedade Portuguesa de Psicanálise, Lisboa, Maio de 1997.

(**) Psicanalista.

sentida como insuportável e sobretudo como irreversível.

Freud vai considerar a existência dum pulsão de morte. Diz assim em «Considerações actuais sobre a guerra e a morte» (1915): «*A acentuação do mandamento “Não matarás!” garante-nos justamente que descendemos duma linhagem infinitamente longa de assassinos que tinham no sangue o prazer de matar, como talvez ainda aconteça connosco. As aspirações éticas da humanidade, de cuja força e importância não há que duvidar, são uma conquista da história humana e tornaram-se em seguida, embora em grau muito variável, uma propriedade herdada da humanidade actual.*»

Esta sua visão filogenética vai, no entanto, ceder o passo à abordagem clínica da Neurose Traumática.

Após a 2.^a guerra mundial, em 1955, Kris (1956) distingue o choque-trauma, que descreve como um choque muito poderoso e imprevisto que acontece na vida real à criança, do choque-tensão que surge por acumulação excessiva de tensões ameaçadoras. Enquanto no primeiro caso o efeito de rotura não é habitual, podendo só acontecer por repetição do estímulo traumático, no segundo caso, é a vida total da criança que está abalada, sendo modificada intensa e progressivamente, por submissão excessiva, através de ameaças e humilhações, ou mesmo de perigos reais de morte.

Lorenzer considera que quanto mais intolerável é a realidade externa tanto mais massivas e arcaicas são as defesas a empregar.

Alguns autores opinam que as situações extremas tornam reais as fantasias terríficas infantis. Isto é, o que se torna real ao desaparecer todo o emascaramento defensivo é a própria realidade: a agressividade própria em toda a sua magnitude, a que sempre se conheceu atenuada pelos disfarces defensivos.

Penso ter sido sobretudo, com o segundo nível de situação descrito por Kris, que me deparei agora em Luanda, de onde regresssei há dias, quando estive em contacto com crianças profundamente traumatizadas que sobrevivem em campos e instituições para refugiadas, tendo ainda a complementar situações de carência e de degradação brutal das mais elementares condições de existência. Refiro-me a crianças que manifestam uma enorme dificuldade de agir espontanea-

mente, de comunicar e de imaginar; crianças que parecem estar desligadas da percepção da vida, de si próprias e do mundo exterior.

Parafraseando Fernando Pessoa quando diz «Se eu for atropelado por uma bicicleta de criança, essa bicicleta de criança faz parte da minha história», direi que me sinto «atropelada» e, portanto, a um tempo nas melhores e nas piores condições para abordar este tema. Tanto mais que, tendo ficado abrigada numa espécie de gaiola dourada do sítio, o contacto com o mundo lá de fora ficava por um lado distante e, por outro, mostrava-me uma realidade terrível. Devo dizer-vos que esta vivência tão recente e tão desafiadora da minha capacidade de tolerância à frustração, está a funcionar como uma espécie de configuração impressiva, que dificulta o trabalho a que me proponho.

Partindo da ideia de Poincaré – *a mente é frágil como os sentidos; perde-se na complexidade do mundo se esta não é harmoniosa.... Os únicos factos da nossa atenção são os que introduzem ordem na complexidade, tornando-a então acessível a nós* – ou da de Bion – *diante da frustração duas atitudes são possíveis - uma é a fuga a outra a transformação* (transformação do sujeito e transformação da realidade), vou partilhar convosco uma intervenção psicodramática em Luanda, que nos servirá de ponte para focar a importância do jogo no processo de simbolização.

Deus criou-me para criança, e deixou-me sempre criança. Mas porque deixou que a vida me batesse e me tirasse os brinquedos e me deixasse só no recreio, amarrotando com mãos tão fracas o bibe azul sujo de lágrimas compridas? Se eu não podia viver senão acarinhado, porque deitaram fora o meu carinho?

Livro do Desassossego
de Bernardo Soares

(*) Numa visita a uma instituição de freiras destinada a meninas da rua, onde iria trabalhar com monitores, deparei-me com um grupo de crianças e adolescentes que bordavam, ao ar li-

vre. Sentadas em antigas cadeiras de escola, dispostas em U eram acompanhadas por uma senhora. A cena parecia idílica, não fora o silêncio pesado, a atitude de desligamento e o comportamento das crianças que denotava retracção, mecanização das tarefas e apatia. A monitora informou-nos que estava só, porque as irmãs (freiras) tinham ido a um funeral numa pessoa da casa. Era o segundo caso de morte que acontecia nessa semana.

Dando-me conta dum enorme sentimento de vazio e da dificuldade dos adultos e das crianças em verbalizar o que sentiam, pensei que, pelo constante impacto com situações de morte, certamente os sentimentos arcaicos de vazio e temor iam sendo sucessivamente mais reforçados e fixados.

Propus-me falar com as crianças o que suscitou certa estranheza e curiosidade. Comecei por me apresentar, falando um pouco de mim e do que me levava a estar ali e propus que também elas falassem de alguma coisa que quisessem dizer sobre si. A resposta foi um silêncio inquieto. Alguns olhares mergulhavam no centro daquele palco improvisado, outros continuavam fechados, ausentes.

Seguiu-se então uma solicitação-ordem das pessoas que me acompanhavam. A resposta surgiu dum modo quase indiferenciado, concreto e monótono: nome, idade e ano escolar. Foi então que uma menina disse: – «Chamo-me Lenucha, faço hoje 13 anos e... mais nada.»

Lenucha emprestava sua voz para que o Drama se expandisse. O que haveria ali naquele mais nada, perguntei.

– É mais nada, mais nada... porque não há mais nada.

– Se não houvesse como poderias senti-lo? perguntei-lhe.

– Não há nada... queria uma festa. Mas não há.

Faço notar que dentro dela há na verdade esse sonho-pensamento festa, mas parece que ela não sabe o que fazer com ele. E dirigindo-me ao grupo pergunto-lhes se também isso se passa com elas. Responde-me o silêncio, interrompido pela monitora que diz que não pode haver festa, porque não há dinheiro. O re-nascimento de Lenucha ia agora abrindo um fluxo criativo do imaginário do grupo.

– Será que o dinheiro é assim tão importante? pergunto.

Uma das meninas diz então que, como só agora a Lenucha disse que fazia anos, não tem uma prenda para ela; outra repete que não há dinheiro. Mais nenhuma fala, mesmo quando suscitadas a fazê-lo.

– Bem, agora todas sabemos dos anos da Lenucha, será que apesar de estarmos todos aqui com ela, não podemos encontrar nada? digo.

– Não tenho nada para dar à Lenucha, mas quero dar-lhe um beijinho de parabéns, diz uma menina.

Aproxima-se da criança que se levanta vivamente emocionada e ambas trocam um beijo.

A emoção começa a acontecer. Há sorrisos e murmúrios. Outras crianças começam a dar os parabéns.

Proponho então à Lenucha que nos conte como gostaria que fosse a sua festa.

– Queria ter todos os meus irmãos na festa. Eles são 17 vivos e 8 mortos, mas era muito difícil porque são de mães diferentes... alguns não estão cá. E queria a minha mãe e o meu pai... Depois queria muita gasosa e muitos bolos.

Dramatiza-se a cena. As meninas põem a mesa com os bolos, as gasosas, os rebuçados e depois começam a chegar os irmãos cujas idades vão dos 40 aos 5 anos. Espontaneamente muitas das meninas vão descobrir rapidamente prendas (flores, raminhos, pedras... Finalmente, a mãe e o pai (monitores) aparecem também com prendas. O pai reivindica uma fatia de bolo, zangando-se porque a menina não o serviu em primeiro lugar. Lenucha, baixando a cabeça, corrige de imediato, dando ao pai uma grande fatia. Depois cantam os parabéns e começam a cantar e a dançar, espontaneamente.

Após a dramatização, a L. diz, com um brilho no olhar, que se está a sentir muito bem. Outras crianças vão manifestar a sua admiração e prazer, porque a festa aconteceu. Não havia dinheiro, nem bolos, mas houve festa e divertiram-se. Outras parecem confusas. Outras ainda, não conseguiram estar na festa. Foram capazes de aceitar o papel que a protagonista lhes pediu, mas ficaram paralisadas nele, com estátuas, desistindo depois, afastando-se. Quando pergunto à Lenucha o que é que acha que aconteceu, responde que afinal teve uma festa de anos, que

gostou muito das prendas que lhe deram e quer agradecer a todos a sua festa.

Digo-lhes então que a festa aconteceu, porque havia uma menina que guardava um desejo-sonho dentro dela, mas achava que ele não podia ter um nome – era «nada», embora, muito por dentro dela, houvesse um pensamento-nome e o nome era festa, festa do seu nascimento, festa do seu estar viva. Seria que ela tinha tanto medo de sofrer por esse seu desejo, que estava a chamar-lhe nada? E parecia que as outras meninas também assim achavam. Porque será que desconheciam o dia de anos de Lenucha? Quantas coisas que podiam conhecer estavam a ignorar? No entanto o que vimos, é que, quando o sonho pôde crescer dentro delas, a festa aconteceu. Aconteceu porque foi possível despertarem para a vida, abrindo-se para a descoberta do encontro com os outros e consigo próprias.

Simbolizar é viver. A intolerância inicial à frustração provocava uma ataque brutal à realidade. Quando a frustração se torna mais tolerável, o caminho torna-se mais aberto a uma descolonização do imaginário. Pela nomeação do foco doloroso, os pensamentos começaram a soltar-se e a encadear-se, num movimento de maior compreensão da realidade externa e interna, através duma abertura, que possibilita a passagem do real para o imaginário e do imaginário para o simbólico.

O psicodrama, como teatro da espontaneidade, possibilita a criação dum espaço, onde a fantasmática se torna mais possível, pela distância e pela entrada em jogo de personagens, permitindo a reelaboração da realidade interna e externa. Moreno afirmava que «um momento criador engloba a história»; isto é, tornando-a presente possibilita a sua transformação.

Na dramatização encontramos referenciais históricos através dos papéis produzidos e do modo como foram recriados. Não me colocando no terreno da Antropologia, quero no entanto chamar a atenção para o modo como Lenucha colocou o seu encontro com a família: o pai, a mãe e os irmãos (17 vivos e 8 mortos) de mães diversas. O Encontro, agarrado a factos do passado que ensaia viver como actuais, foi a partilha

das mesmas vivências, dos meus sofrimentos, aberto agora, na re-descoberta duma intensa força do grupo, para a mudança.

Tratou-se duma intervenção única, não dum processo terapêutico de psicodrama psicanalítico de grupo e muito menos dum processo psicanalítico. No entanto e apesar da extrema limitação e superficialidade que a situação única nos obriga, o fluxo espontâneo, que impulsionou a dramatização permitiu reencontrar algumas situações (nodais) que particularizam a articulação histórica do drama.

Muito resumidamente gostaria de falar duma notícia que ouvi há dias, sobre Angola. Numa zona, terrivelmente devastada pela guerra, foram sepultados milhares corpos um tanto ao acaso, onde havia espaço. Os mortos tiveram o seu funeral oficial e as campas foram assinaladas, com lápides, sendo tratados com tudo o que de melhor as famílias puderam. No entanto, agora, apesar dos múltiplos problemas e carências gravíssimas que o país atravessa, vão ser gastos como prioridade muitos milhões de dólares, para exumar e transladar os corpos para um novo cemitério organizado. E isto por força da pressão popular. Com os mortos tudo é pouco!

O que será que aqui se condensa é uma interrogação que deixo em aberto? Será que podemos pensar que o lugar da filiação se situa mais além na relação com os mortos, do que na relação com os vivos? Repare-se que para Lenucha o nascimento deveria ser celebrado com os pais e todos os irmãos, filhos dispersos do pai (vivos ou mortos), numa reunião simbolizante das partes dispersas da família e de si própria. Qual o lugar desta filiação de afectos e como se entrelaça na rede simbólica?

Guyotat propõe o conceito de filiação narcísica, ligando-a a um fantasma da imortalidade. Pressupõe a reencarnação dum ancestral de geração em geração. Isto é, não há verdadeiramente nascimento porque o ancestral está sempre lá; está é oculto. Facto é que, entre a mitologia descrita e a dos clones da engenharia genética, a concordância é, como vemos, perfeita. Narcisismo de morte, mas também narcisismo de vida, dado o desejo de manter o contacto com uma parte transcendente de si, numa espécie de filiação mítica.

A importância do lugar dos antepassados, na

transmissão de dados culturais de geração em geração, a ideia dum supereu cultural e a actividade fantasmática dos pais enquanto porta-estandartes destes traços e desse supereu cultural são descritas por Freud (1928, 1938).

Vou terminar com uma pequena vinheta clínica que ilustra a irrupção da representação fantasmática numa menina a que chamarei Joana, que está em análise há um ano.

Joana tem 6 anos, quando a observo pela primeira vez. Os pais evidenciam uma grande inquietação com o atraso escolar da filha e com os comportamentos «masturbatórios» e de «ciúme» que ela manifesta. Consideram a filha muito vulnerável, com medo da escola onde se sente burra e com medo dos colegas, porque é tratada como «o bombo da festa».

Acham a Joana a mais parada das duas filhas. A Sónia que tem mais dois anos, sempre foi «uma criança espertíssima e excepcional». Pensam que a Joana se apercebe da diferença e por isso é muito ciumenta. Muitas vezes se queixa de que nunca falam com ela, só com a irmã.

Negando o facto, a mãe vai no entanto queixar-se do comportamento adesivo da Joana, «que procura contacto até ao limite. Só quer estar ao colo e massacra-a com beijos, festas, atenções, tudo, tudo!». Lamenta, mas a Joana sempre a «chateou». Às vezes foge do olhar da filha porque teme que ela se aperceba.

Tem consciência que gosta mais da filha mais velha. Nunca quis que isso acontecesse. Sempre pensou em só ter um filho. Desde pequena pensava, ao ver o sofrimento da sua própria mãe, que toda a vida fora preterida pelos avós, que isso nunca poderia acontecer com ela. Aliás ela é filha única. Mas aconteceu, sem esperar nem querer ficar grávida (tinha um ovário poliquístico e fizera tratamento para a primeira gravidez), vê-se hoje a repetir com a Joana o mesmo comportamento que via nos avós em relação à sua mãe. O mais espantoso, acrescenta, é que a Joana é igual à avó em tudo. É o retrato da avó. Aliás o avô materno sempre a rejeitou também. Passa a vida a falar na Sónia e embora também faça um grande esforço tem muita dificuldade em disfarçar a sua preferência. Também os avós pater-

nos a rejeitam, sobretudo agora que nasceram mais dois netos. Quanto a Sónia, a irmã manifesta «quase instintos assassinos» para com a Joana, afirma o pai.

No parto da Joana, a mãe quando foi para a Maternidade não conseguiu dizer nada à Sónia por temer que «ela se sentisse muito desamparada». Joana é descrita, nas antípodas da irmã, como um bebé escuro, feio e peludo, enquanto a irmã é loura e bonita. Em bebé tinha um choro aflitivo e uma imensa necessidade de colo. No entanto foi um bebé pouco pegado. Nem a mãe nem a avó, embora gostasse dela, lhe davam colo. A Joana teve o azar de nascer tarde, diz a mãe, que acrescenta sorrindo: – «É, como diz o ditado popular, não há lugar para o segundo filho.»

Joana é uma menina morena muito engraçada, extraordinariamente parecida com a sua mãe. Numa sessão do terceiro mês, começa por fazer um tanto distraidamente algumas perguntas a propósito dos brinquedos. Pouco depois, diz que me vai contar a história da Carolina, do João e do bebé Francisco.

J. – Olá Joana. Olá Carolina. Olá João. Olá Francisco. Olá querido. Agora vão dormir. O João e a Carolina ficam juntos e o bebé vai sozinho para a cama dele. A Joana e a Rita ficam juntas a falar.

A. – Como nós aqui?

J. – Tu tens outras pessoas para entender. Ai! Enganei-me. Não sei dizer bem.

A. – Enganaste-te? Ou será que pensas que não te posso entender porque existem outras pessoas para eu atender?

J. – Mã...má, vou portar-me bem. Olha... aquilo é um biberão? E o bebé onde está? Vou procurá-lo. Não está?

Pergunta então se pode beber o biberão e, presa duma grande excitação vai enchê-lo, enrosca-se e começa a beber, mamando com grande satisfação:

J. – Ma...ma....

Sentindo-se apanhada na armadilha da sua mente, na qual o esforço de fuga à frustração é dominante, o apelo inconsciente à analista é notável, destinando-se a torná-la mais sensível do

perigo terrível em que ela se sente, quando para não pensar corre o risco de morrer de fome.

Numa sessão a seguir traz uma boneca na mão, que apresenta primeiro como Joana e depois como, Rita-Ritolas, para logo a seguir começar a dizer numa voz gritante e zangada.

J. – Porque é que estás toda suja?

J. – Mãe sei lá.

J. – Sabes lá o quê? Respeito à mãe, malcriada! O que tu precisas...

Mergulha a boneca de cabeça para baixo dentro do laboratório e começa a esfregá-la excitada e furiosamente apertando-lhe o pescoço entre os dedos. Continua a gritar-lhe chamando-lhe porca, suja, chata.

Identificando-se ao objecto onipotente e destruidor, numa atmosfera de grande excitação tempestuosa, é imensa a angústia perante o fantasma arcaico incestuoso desta mãe primitiva. É nesse sentido que vou interpretando o ataque dirigido não só contra o objecto, mas também contra o próprio *self* frágil.

Através da ligação com o objecto fantasmático, na relação analítica, Joana vai recuperando o objecto que o seu desejo interior congelava. Assim, apesar de aparentemente Joana não me ter escutada, continuando imperturbável o jogo, este vai modificar-se. Tira agora a boneca do banho e começa a secá-la com grande cuidado:

J. - Agora estás tapadinha, não é querida?

Mãe estava cheia de frio.

Agora uma escova para pentear a Rita.

Estás bem?

Agora uma papinha da mãe para a Rita comer tudo.

A temática do jogo mantém-se no fundamental, mas vai-se enriquecendo com outras experiências emocionais. A família alarga-se.... O bebé começa a aparecer e a ser numa outra dimensão.

Numa sessão muito recente, a seguir ao dia do pai, vem muito contente porque os pais gostaram muito do desenho que ela fez. Quer desenhar e escrever. Jogos de palavras. Diz então que quer ser a professora que faz letras e eu o bebé que descobro.

J. – Sabes como é que os índios descobriram a

terra deles? Eles tinham muito medo. Viviam aqui, onde nós vivemos e depois foram de barco. Andaram muito, muito. Mas depois havia um mau muito mau que não deixava passar ninguém. Mas houve um que conseguiu passar. Sabes como? Ele era muito esperto, sabia que se fosse por aquele sítio do mau não ia conseguir. Então foi para mais longe e passou por fora do sítio do mau. Ele viu o mau e o mau também o viu, mas não chegava lá. E ele passou.

Joana estava dentro do espaço simbólico, numa mudança de «vertex» pudera encontrar uma passagem do «Cabo das Tormentas para o da Boa Esperança» que lhe permitia, como ela diz «descobrir o caminho» para a «sua terra».

Pacientes muito perturbados que, como Lenucha e Joana, erguem poderosas defesas contra a angústia depressiva, tendo um funcionamento predominante esquizo-paranoide, podem desenvolver organizações patológicas contra o sofrimento depressivo, ao terrível preço de um grande empobrecimento da personalidade e de uma enorme solidão, se não houver uma intervenção terapêutica bem sucedida.

Quando, através da relação analítica, se torna possível a tolerância à frustração e à dor mental a ela associada perante a experiência do não-objecto, então a experiência emocional pode ser transformada em algo com significado, podendo levar a um pensamento ou a um reconhecimento da conjugação constante e a seguir a uma realização, que permita à pré-concepção transformar-se em concepção, abrindo caminho ao crescimento mental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Ayalon, O. (1992). *Rescue*. USA: Chevron Publishing.
- Bergeret, J. (1994). *La violence fondamentale*. Paris: Dunod.
- Bergeret, J. (1995). Les destins de la violence en psychopathologie. *Journal de Psychanalyse de l'Enfant*, 18.
- Bion, W. R. (1979). *Aux sources de l'expérience*. Paris: PUF.
- Ferenczi, S. (1916). *Deux types de névrose de guerre*, Psychanalyse 3. Paris: Payot, 1978.
- Ferenczi, S. (1919). *Psychanalyse des névroses de guerre (hystérie)*, Psychanalyse 2. Paris: Payot, 1982.

- Ferenczi, S. (1934). *Refléxion sur le traumatisme*, Psychanalyse 4. Paris: Payot, 1982.
- Ferreira, R. (1996). *Extracto do Relatório de trabalho com o ICDP em Angola*.
- Freud, S. (1893-95). *Estudios sobre la histeria*. Madrid: Biblioteca Nueva, O.C., 1981.
- Freud, S. (1896). *La etiologia de la histeria*. Madrid: Biblioteca Nueva OC, 1981.
- Freud, S. (1900). *La interpretation de los suenos*. Madrid: Biblioteca Nueva, O.C., 1981.
- Freud, S. (1913). *Totem y tabu*. Madrid: Biblioteca Nueva, O.C., 1981.
- Freud, S. (1915). *Lecciones introductorias al psicoanálisis*. Madrid: Biblioteca Nueva, O.C., 1981.
- Freud, S. (1937). *Analisis terminable e interminable*. Madrid: Biblioteca Nueva, O.C., 1981.
- Houballah, A. (1998). *Destin du traumatisme*. Paris: Hachette.
- Klein, M. e col. (1966). *Développements de la psychanalyse*. Paris: PUF.
- Kris, E. (1956). The recovery of childhood memories in psychoanalysis. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 11, 54-88.

RESUMO

Neste trabalho, a autora propõe-se reflectir sobre a questão do trauma numa perspectiva psicanalítica. Tenta também inscrever essa perspectiva na observação comunitária (Angola), numa situação de pós-guerra. Por fim, exemplifica clinicamente as propostas conceptuais.

Palavras-chave: Comunidade, narcisismo, psicodrama, trauma.

ABSTRACT

In this article, the author intends to reflect the problem of trauma from a psychoanalytic point of view. She also tries to apply this perspective in the community observation (in Angola), in a post-war situation. Finally, she provides a few clinic examples of the conceptual proposals.

Key words: Community, narcissism, psychodrama, trauma.